

## O *ETHOS* UNIVERSITÁRIO NA FILOSOFIA DE FICHTE: UM “ANACRONISMO VIVENTE”?<sup>1</sup>

Faustino Oncina Coves, Universitat de València<sup>2</sup>

Como alguns de vocês certamente adivinharam, a última parte do título da minha conferência possui reminiscências gadamerianas. Em uma breve entrevista ao semanário alemão *Focus*, o prócer da hermenêutica filosófica afirmava, com um tom entre patético e reivindicativo: “*Ich bin ein lebender Anachronismus*” (“Sou um anacronismo vivente”)<sup>3</sup>. Com essa fórmula concisa, seu autor granjeou para si minha simpatia e, ainda que ambos – é claro, salvando as distâncias entre um consagrado mestre e um moderno, sempiterno aprendiz – nos movamos em órbitas ideológicas diferentes, sinto uma irremediável afinidade eletiva, a qual me incentivou a traduzir para o espanhol alguns de seus escritos<sup>4</sup>. Desde já, associo o patetismo com *anacronismo*, e a reivindicação com *vivente*. Mediante seu lacônico autorretrato, não só aludia a sua idade avançada, mas também a um estilo intelectual minguante, então em vias de extinção e hoje desaparecido. A que estou me referindo? Em sua disputa de outrora com Reinhart Koselleck sobre o nome dessa figura: *Gelehrter*<sup>5</sup>, com uma diáfana genealogia fichteana, cuja única invocação me inspira um temor reverencial: “Inclusive, alguém que me chamou ‘um grande sábio (*Gelehrten*)’”. Senti que minhas pernas tremiam.” Estando o ideal a uma “uma distância inalcançável [...] nenhum de nós conta sequer com uma possibilidade de se comparar com o conceito de ‘grande sábio’”<sup>6</sup>. Entre o considerado “um grande sábio” e o legado fichteano, não cabe sequer uma aproximação assintótica. E, entretanto, os dois

---

<sup>1</sup> Este trabalho se enquadra no projeto de investigação “Hacia una Historia Conceptual comprensiva: giros filosóficos e culturales” (FFI2011-24473) [“Para uma História Conceitual Compreensiva: giros filosóficos e culturais”, (N. do T.)] do Ministério de Economia e de Competitividade, e foi concluído durante uma permanência no Centro de Investigação Literária e Cultural de Berlim. Quero manifestar meu agradecimento a meus anfitriões: Ernst Müller, Falko Schmieder e Thomas Gil.

<sup>2</sup> [Tradução de Gabriel Almeida Assumpção, mestre em filosofia (UFMG). Agradeço a Oncina Coves pela permissão de traduzir seu artigo. O texto foi apresentado por Oncina Coves no “III Colóquio Internacional Fichte: J.G. Fichte – Uma Vida Filosófica, uma Filosofia Viva”: <http://fichte2014ufmg.blogspot.com.br/> (N. do T.).]

<sup>3</sup> H.-G. GADAMER. *Ich bin ein lebender Anachronismus*, pp. 153-154.

<sup>4</sup> H.-G. GADAMER/R. Koselleck. *Historia e hermenêutica*, Barcelona, Paidós, 2007.

<sup>5</sup> [Termo alemão que pode ser traduzido por “sábio”, “erudito”, “homem de letras”. Oncina Coves opta pelo sentido de “sábio” (N. do T.)]

<sup>6</sup> GADAMER. *Histórica e lenguaje: una respuesta*. In: *Op. cit*, p. 97.

**o ethos universitário na filosofia de fichte:  
“anacronismo vivente”?**

se unem em sua profissão de fé universitária comprometida com o paradigma humboldtiano. *Verdade e Método*, a obra magna do catedrático de Heidelberg, nutre-se dos cursos que vinha ministrando em suas aulas, selando o pacto entre docência e investigação que, na aurora do século XIX, havia proposto o insigne vizinho de Tegel aos iluminados que matriculou na emergente universidade de Berlim.

Koselleck, o maior vidente dos tempos históricos, insuflou nova coragem a um sintagma que hoje engrossa o patrimônio semântico com o qual diagnosticamos as patologias da modernidade: a contemporaneidade do não contemporâneo (*Gleichzeitigkeit des Ungleichzeitigen*), a simultaneidade do sucessivo. Foi, assim como seu mestre às margens do Néckar, um universitário que embarcou, quase desde o início, na aventura do grupo itinerante e *Poética e hermenêutica*, liderado por Jauss e Blumenberg, e que surgiu, em parte, devido à insatisfação que a crescente compartimentação de áreas do conhecimento gerou nessa plêiade. Tal compartimentação era um obstáculo ao diálogo acadêmico entre as diversas áreas. O espírito desse grupo encontrou prolongamento no *Centro de investigação interdisciplinar* da jovem e rutilante universidade de Bielefeld, dirigido por Koselleck. Este definiu a idade moderna (*Neuzeit*) como a parteira de um novo tempo (*neue Zeit*), a era da aceleração que, cada vez com maiores e compreensíveis reticências, continua sendo a nossa. Esse regime temporal, penácea para uns, peçonha para outros, inoculou também a educação com efeitos perversos. Para lhes dar um exemplo, na Espanha atual, apenas no primeiro ciclo do ensino universitário, coabitam dois sistemas: a licenciatura, prestes a dar seu suspiro final, e o grau, já no marco da denominada Declaração de Bolonha. Apenas recém-inaugurado, está urgindo a reforma peremptória do último. Há quase uma simultaneidade entre o natalício e a necrológica. É desalentador comprovar que, na educação, as reformas nascem póstumas. Esse culto idolátrico à política de curto prazo se infiltrou nos pilares da universidade, da docência e da investigação, dos siameses fecundados pela constelação humboldtiana, cuja ligação se pretende romper abruptamente para um não retarde o passo veloz do outro. Por um lado, os ciclos educativos se abreviam sem piedade os ciclos educativos por razão da produtividade ou da competitividade, atendendo às demandas do mercado de trabalho, isto é, mais itens temáticos em menos tempo; por outro, entronou-se o *paper* como o principal aval do investigador e, portanto, como a via mais rápida de promoção profissional, sabidamente que sua média de vida é ínfima. Assim se alimenta

a avidez por um consumo cultural imediato, em que se engasga qualquer traço de complexidade intelectual<sup>7</sup>. Em suma, uma onda populista de anti-intelectualismo nos arrasta diante da qual a universidade, a jazida arqueológica por antonomásia dos intelectuais, recolhe-se passivamente sobre si mesma sem apenas capacidade de reação. Por isso, não custa um olhar retrospectivo para um vindicador da simbiose entre o intelectual e a universidade. A apologia fichteana é combativa não só no terreno conceptual, mas também no terminológico. O termo *Gelehrter* estava afundado em desprestígio, quando Fichte o resgatou do ostracismo. Lessing, uma de suas leituras favoritas, fez uma caricatura dessa figura em sua comédia *Der junge Gelehrte* (1747) e, novamente, a fria erudição é o reverso da sabedoria modesta em *Natan der Weise* (1779). Em sua famosa *Antrittsvorlesung*<sup>8</sup> de Jena em 1789, “O que significa e com que fim se estuda história universal?” Schiller contrapõe a mente filosófica (*philosophischer Kopf*), amiga da verdade, ao sábio ganha-pão (*Brottgelehrter*), mercenário do arrivismo. Poderíamos recordar da fobia especulativa dos adais da *Popularphilosophie*, um *lobby* que afustigou os idealistas. No que diz respeito ao núcleo de minha conferência, interessam-me não tanto o detalhe da citação textual, mas sim o apaixonado compromisso universitário de Fichte, o que não acarreta que eu compartilhe cegamente nem seus afetos, tampouco suas ideias. Atrai-me sua implicação acadêmica, social e política, seu contínuo arrazoado a favor do intelectual, da filosofia e de seu lugar nos estudos. Não nego que vou emprega-lo como pretexto, mas faço-o sem remorso em momentos em que a filosofia e seu nicho institucional estão ameaçados. Não se trata, no caso espanhol, de uma infundada sensação de mania persecutória, pois assistimos a uma sangria dos conteúdos filosóficos em todos os níveis educativos.

Quando o ensino superior se submetido a fortes revisões mais além de retoques pontuas e quando se declara o modelo de universidade qualificado de “humboldtiano” – no qual se inscreve, não sem diferenças, Fichte – como uma velharia, convém meditar sobre o que está ocorrendo, sobretudo quando essas mudanças, ainda pecando de cassandrismo, delineiam perspectivas pouco promissoras para as “Humanidades”.

Caso se tivesse que reduzir o cânone humboldtiano a umas pautas sucintas, destacaria três: em primeiro lugar, “não devem existir planos de estudos fixos e nem uma

<sup>7</sup> ARGULLOL. *La cultura enclaustrada*. In: *El País*, 5.04.2014.

<sup>8</sup> [Palestra, preleção ou discurso inaugural (N. do T.)].

**o ethos universitário na filosofia de fichte:  
“anacronismo vivente”?**

atividade acadêmica regulamentada. A liberdade deve ser absoluta tanto para aprender quanto para ensinar”; em segundo lugar, “a autonomia e a cooperação como modo de relação e de trabalho na Universidade”; em terceiro lugar, “unidade entre investigação e docência”. O húmus do qual brota esse modelo possui importantes nutrientes abordados pelo solo filosófico ilustrado e idealista. Hoje, o *slogan* propagandístico é a “sociedade do conhecimento”, segundo o qual o saber é equiparado a uma mercadoria, os estudantes a consumidores, e as instituições educativas a empresas de serviços. Julgadas a partir dessas coordenadas, a Universidade – e não digamos a de cunho humboldtiano – é um negócio ruinoso, e o é muito mais, quando mais decantada estiver em direção às Humanidades.

Na Alemanha, berço desse cânone, o debate sobre a vitalidade acadêmica das ciências humanas foi animado por instâncias extraeducativas ou parauniversitárias. Ali, as fundações privadas – entre elas a *Volkswagenstiftung*, a *Thyssen-Stiftung*, a *Zeit-Stiftung* e sua iniciativa *Pró Ciências do Espírito* – e Academias – fundamentalmente a de Berlim-Brandeburgo, com seu *Manifesto sobre as Ciências do Espírito* (2005) – desempenharam um papel bem menos agitador, que não deixou, todavia, de ter eco na política educativa através dos concursos pela excelência convocados pelo governo germânico<sup>9</sup>. Em um dos últimos, classificou-se, para essa liga de campeões, a Humboldt de Berlim com um programa intitulado “Formação pela ciência: personalidade, abertura, orientação”. Com um neologismo, gosta de se apresentar como o país da formação (*Bildungsland*), uma etiqueta inequivocamente humboldtiana, ainda que tampouco aqui esteja isenta de influentes detratores. Na Espanha, um Secretário de Estado de Universidades defendia, já no fim de 2008, um modelo pós-humboldtiano. Em vários informes técnicos (o informe Bricall, o informe Tuning, etc.) publicou-se o obituário desse cânone.

Essa particular definição da Alemanha em chave aparentemente humboldtiana pode explicar, desde o início, o paradoxo segundo o qual as críticas ao ato de aplicar a declaração de Bolonha contaram com um insólito aplauso oficial. As objeções principais são duas: 1) a infantilização, isto é, o declínio da autonomia do estudante e do professor, suprimindo o salto

---

<sup>9</sup> As linhas promovidas são três: escolas de graduados ou de doutorandos (*Graduiertenschulen*), centros de excelência (*Exzellenzcluster*) e conceitos da universidade do futuro (*Zukunftskonzepte*). As vencedoras dessa última etapa do concurso poderiam ser chamadas “universidades de ponta” [*Universidades punteras* (*Spitzenuniversitäten*)].

qualitativo que comporta o abandono da escola ou o ingresso na Universidade. O zelo de regulamentação alimenta casos medonhos de um paternalismo pueril. 2) A saturação: a sobrecarga de trabalho e de matéria em um menor tempo, que se traduz em um incremento desmesurado de trabalhos administrativos, de inspeção, em uma verborreia insípida e em uma multiplicação de exames. Trata-se de uma disfunção que pode ser extrapolada à maioria dos países do Espaço Europeu de Educação Superior. O corte de disciplinas optativas que novos planos de estudo supuseram me parece um erro, pois acarreta um déficit dificilmente resgatável no currículo do estudante e constrange a saudável sinergia entre docência e investigação no professor, com o conseguinte prejuízo para o discente, ao estreitar suas margens de eleição e tirar de foco o perfil idiossincrático de cada Universidade, incitando uma uniformização pouco desejável e alheia à qualidade do ensino. Essa redução ao básico das disciplinas optativas não pertence ao ponto crucial de Bolonha, mas é sem dúvida um “dano” colateral de tal processo. Soa-me absurdo enfrentar Bolonha e Humboldt de modo maniqueísta enquanto conceitos de combate, pois não se trata de adicionar um ícone a mais ao martirólogo pedagógico. A *humboldtatria* foi proposta com frequência para se perseverar na atrofia da universidade mais vertical e antiga. Usa-se, ou melhor, abusa-se do nome de Humboldt em vão, e se apela a ele não como autor, mas como mote.

Os motivos da crise universitária, além da asfixia econômica – exceto em alguns países (Alemanha e Brasil constituiriam notórias exceções) – foram suficientemente ventilados: esgotamento das forças dos escalões educacionais inferiores, o que obriga a Universidade a suprir as lacunas herdadas do ensino médio; uma massificação crescente da população estudantil sem uma designação adequada de recursos; uma distribuição da docência consumida, com escassa elasticidade temática e com uma burocracia que convida à deserção. Cabe mencionar, mesmo assim, a falta de vocação de uma parte do alunado, sem ideias claras sobre o sentido de seus estudos, com dúvidas acerca da possibilidade do exercício social de seu título e que, todavia, trabalha com perseverança até o extremo de fazer de sua obtenção mais fácil possível o móbil de sua conduta. Tudo isso gerou um mal-estar entre professores e alunos reciprocamente reforçado e acompanhado de apatia e de resignação, salvo algum princípio de dissidência.

A partir da filosofia universitária, tem-se erguido vozes de contestação contra essa irrefreável avalanche modernizadora, e tais vozes foram logo tachadas e atávicas, corporativistas ou provincianas. Assim, dissimula-se a natureza cruamente econômica das

**o ethos universitário na filosofia de fichte:  
“anacronismo vivente”?**

reformas e do máximo patrocínio público e privado das disciplinas com maior demanda social ou rentabilidade mercantil. Em suma, a adaptação da universidade à trepidante evolução da sociedade e do mercado comporta o deslocamento do *corpus* do saber constituído desde a transição do século XVIII ao XIX, e sua dissolução em uma confusa nuvem de técnicas, habilidades, competências, destrezas... Em seu livro *La utilidad de lo inútil*, Nuccio Ordine<sup>10</sup> lamenta a fatal equação Universidade = empresa e estudantes = clientes.

Uma suposição incontrovertida para a opinião geral afirma o parasitismo social e o raquítico rendimento lucrativo das ciências humanas. Não obstante, há fenômenos chamativos que delatam a sede de cultura espiritual. Pensemos no inesperado êxito de vendas de *Mais Platão e menos Prozac*, de Lou Marinoff, e *O mundo de Sofia*, de Jostein Gaarder; nas biografias de Safransky, traduzidas a vários idiomas, ou nos ensaios de Fernando Savater ou José Antonio Marina, e, em outros países, destaca-se a proliferação de universidades populares com um viés humanístico, de consultas e de clubes filosóficos. As obras mais impactantes procedem de *outsiders*: aos anteriores poderíamos agregar Comte-Spoville, Onfray, Sloterdijk e Richard David Precht. A filosofia acadêmica se degenerou em uma meritocracia autocomplacente (sem eco social algum e cujas publicações nem seus próprios colegas leem) e sua resposta a essa realidade emergente foi decepcionante, pois ou a ignorou, ou relativizou sua condição de verdadeira filosofia, renunciando ao exercício de função crítica sobre ela, apesar de que, nessa tarefa, podemos aduzir não poucos exemplos: Sócrates, Kant e o próprio Fichte. Se nos obcecamos com essa atitude rígida, encaramos o perigo de uma concorrência de legitimidade entre duas instâncias, uma acadêmica e outra extra-acadêmica, afundando a brecha entre ambas até sentirem-se mútua e esterilmente receosas.

A universidade priorizou o preparo técnico para os professores e a investigação científica especializada, mas não atendeu um papel que tradicionalmente correspondia a ela: a criação de cultura e a reflexão sobre ela. A universidade nem pode pecar de autismo, nem pode se prestar a uma submissão incondicional ao mercado. Nisso, igualmente quando se aplica à cultura em sua versão de espetáculo ou fachada, impera uma temporalidade ao ditado da presteza, do resultado rápido, enquanto a formação exige calma, paciência, fermentação em longo prazo. É intrínseca e forçosamente mau

---

<sup>10</sup> ORDINE. *La utilidad de lo inútil*, pp. 77-111.

mercantilizar o saber, ou o é tão somente – e sobretudo – para aqueles saberes (as “humanidades”, as “ciências do espírito”) que, se o fazem, traem sua própria tradição intelectual? Talvez os universitários que se dediquem à farmacologia, à informática ou à engenharia vejam o assunto de outra maneira. Em nome de que nos acostumamos a desprezá-los? Qual é o problema se não temos um “espaço no mercado” ou se não aprendemos a encontra-lo, e com uma pitada de ressentimento condenamos, em um juízo sumaríssimo, aqueles que o conseguem como “vendidos ao capital”? Não estaríamos incorrendo em um vitimismo autoculpável, criando “enfermos imaginários” e favorecendo uma “interessada exotização” de nossos saberes?

A “constelação” humboldtiana apostou em universidades alheias à pressão do benefício imediato, mas sem dar as costas às inquietudes de sua época. Não obstante, há de se reconhecer que, se os políticos da educação hoje têm visões, veem acelerações de partículas e células-mãe, e não a síntese quádrupla de Fichte.

Uma proposta que ressurgiu de vez em quando, apesar de ter sido encubada no início dos anos sessenta do século passado, é a da teoria da compensação, apresentada por Joachim Ritter, e desenvolvida por seus epígonos, H. Lübke e O. Marquard<sup>11</sup>. As ciências do espírito compensam a abstração a-histórica da sociedade moderna, atualizam o que, sem elas, ficaria irremissivelmente abandonado no processo de uniformização<sup>12</sup>. Seriam nossos ursinhos de pelúcia (*Teddybärchen*) em uma modernidade volátil e vertiginosa na qual nos sentimos intrusos e retardatários. Para os modernos, o futuro se emancipa da origem<sup>13</sup>. O progresso se converte enfaticamente no novo, no ser indiferente à tradição. A tarefa das ciências do espírito consiste em articular experiências de continuidade com condições de descontinuidade, preservando-as da hegemonia tanto do passado quanto do futuro. A filosofia deve velar pela paz com a própria realidade, com a vida civil existente e com as instituições em vigor. Essa identificação com o *status quo*, inspirada em Hegel, faz-me sentir incomodado. Portanto, não me estranha, como conta R. Spaemann em sua autobiografia, que o “espírito aberto” de Ritter teve uma restrição: “não era permitido pensar e dizer nada favorável sobre Fichte. Ritter rechaçava sua

<sup>11</sup> “La tarea de las ciencias del espíritu en la sociedad moderna”, In: J. Ritter, *Subjetividad. Seis ensayos*, Barcelona, Alfa, 1986, pp. 93-97.

<sup>12</sup> MARQUARD. *Sobre la inevitabilidad de las ciencias del espíritu*, pp. 116-117; *Filosofía de la compensación*, p. 55.

<sup>13</sup> [No original, há um jogo de palavras: “Para los modernos el *porvenir* se emancipa del *provenir*”. (N. do T.)]

**o ethos universitário na filosofia de fichte:  
“anacronismo vivente”?**

tentativa de uma radical reconstrução da realidade apaixonadamente. Quando, em uma ocasião, Hermann Lübke, a quem gostava de ser litigioso, atreveu-se a lançar a questão tabu de por que Hegel queria ser enterrado junto a Fichte no cemitério municipal Dorotheen de Berlim, caiu durante um tempo em desgraça com Ritter”<sup>14</sup>. Curiosamente, todas as facções da História Conceitual, não só a ritteriana, foram hostis para com Fichte. A variante hermenêutica de Gadamer dedicou-lhe umas linhas misericordiosas sobre sua contenda com Schiller (*Horenstreit*) em *Verdade e método*<sup>15</sup> e a [variante] da semântica histórica de Koselleck a despachou genericamente por “honrar” a filosofia idealista como “a interpretação otimista e, eventualmente, terrorista da história universal”, isto é, como totalitarismo<sup>16</sup>.

Para J. Mittelstrass, *alma mater* do *Manifesto sobre as Ciências do Espírito* da *Academia de Berlim-Brandeburgo*, o conceito de formação foi destronado pelo de um adestramento profissional conforme a *práxis*. As ciências do espírito embarcaram em uma busca de sua própria utilidade que as degradou em ciências reparadoras dos danos produzidos pelas ciências naturais e econômicas, em provedoras de códigos deontológicos e em agências de serviços de orientação. À filosofia, cabe renunciar ao sistema para cumprir com sua nova agenda. Convém recordar, todavia, que houve um momento e um lugar, o idealismo alemão, em que a filosofia com vocação sistemática tomou posse de um campo social: a Universidade. Na década de 1802 a 1812, incumbiu-se do debate em torno à fundação da universidade de Berlim. Poucas vezes nosso grêmio teve tanto protagonismo na gênese e configuração da universidade como então.

A fim de comparar a ideia filosófica de Universidade com a existente, vale à pena mencionar a repulsa unânime que seu estado ocasional merece. Schelling descreve as sensações de um neófito no mundo acadêmico: “recebe a impressão de um caos (...), ou de um vasto oceano onde se ver lançado sem bússola e nem estrela polar”<sup>17</sup>. Além disso,

<sup>14</sup> SPAEMANN. “Über Gott und die Welt. Eine Autobiographie”, p. 85.

<sup>15</sup> [Edição em língua portuguesa: GADAMER, H-G. *Verdade e método: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1998. (Pensamento humano; 16). (N. do T.)]

<sup>16</sup> “Historia(s) e Histórica. Reinhart Koselleck en conversación con Carsten Dutt”, pp. 211-224.

<sup>17</sup> SCHELLING. *Lecciones sobre el método de los estudios académicos*, p. 65; [A sexta e a décima quarta preleções se encontram em português na tradução que M. Susuki fez da *Filosofia da Arte* de Schelling: SCHELLING, F. W. J. *Filosofia da Arte*. Trad. M. Suzuki. São Paulo: Edusp, 2001, pp. 353-373 (N. do T.)] J. G. Fichte, *Plano dedutivo de un establecimiento de enseñanza superior*, en: ff 2, 10, 21; *GA II/11*, 84, 91, 109 [Tradução Brasileira: *Por uma universidade orgânica: plano dedutivo de uma instituição de ensino superior a ser edificada em Berlim, que esteja estreitamente associada a uma Academia de Ciências*. Trad. Johannes Kretschmer. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1999 (N. do T.)].

a Universidade está cada vez mais só, sitiada por rivais diretas: as “escolas superiores profissionais” (*Fachhochschulen*). O diagnóstico dos idealistas afirma que a Universidade como tal não existe, senão como uma coabitação das quatro Faculdades herdadas desde o Medievo (artes, teologia, direito e medicina). O próprio conceito de Uni-versidade implica que o diverso se volte rumo à unidade, rumo a um princípio originário a partir do qual se possa derivar o múltiplo. A Universidade deveria *institucionalizar* a exigência sistemática da filosofia. Do cotejo entre o projeto teórico da sistematização e a realidade universitária emaranhada, segue-se a vontade de aproximar esta de seu conceito, mas as discrepâncias afloraram na forma de conceber a ação reformadora e a universidade reformada. Uma interpretação tópica e maniqueísta sustenta que, a partir dessa senda comum, produz-se uma bifurcação em um modelo liberal, laxo (representado pela dupla Humboldt-Schleiermacher), e em um mais rígido e espartilhado – às vezes, inclusive, com impulsos paternalistas e autoritários (representado por Fichte), para quem os sábios são os cruzados da razão, que assumem uma missão messiânica<sup>18</sup>. Schopenhauer trabalhou com perseverança para romper com o feitiço do idealismo e desmascarar seus ídolos como sofistas. Essa campanha de dessacralização prosseguiu até nós.

Nos anos sessenta do século passado, Habermas destacava a impertinência da “convicção filosófica do idealismo alemão, segundo a qual a ciência deve formar”<sup>19</sup>. Seu distanciamento da universidade humboldtiana se baseava, em primeiro lugar, no fato de que a *universitas*, como unidade sistemática do saber, havia abandonado o centro da reflexão contemporânea e, em segundo lugar, na seguinte questão: o idealismo alemão dependia de estruturas do mundo do trabalho pré-industrial, ao restringir-se à ciência pura, desengajada de suas eventuais aplicações. Entretanto, essa caducidade não implicava o adeus definitivo ao arquétipo humboldtiano, e certa nostalgia de sua função

<sup>18</sup> Esse antagonismo possui uma leitura política, privilegiada pela dupla francesa Luc Ferry e Alain Renaut, mas segundo Claude Piché, o desacordo apresenta profundas raízes filosóficas. O canadense sustenta que a concepção autoritária da organização universitária fichteana “*is true not only of the discipline that he imposes on the campus, but also of the way he confers on philosophy a dominant role among all other sciences*” (“Fichte, Schleiermacher and W. von Humboldt on the Foundation of the University of Berlin”, In: Daniel Breazeale and Tom Rockmore (ed.s), *Fichte, German Idealism, and Early Romanticism*, pp. 372, 384) [“é verdadeira não apenas devido à disciplina que ele impõe ao *campus*, mas também devido à forma como ele confere à filosofia um papel dominante sobre todas as outras ciências” (tradução nossa, N. do T.)].

<sup>19</sup> HABERMAS. “La transformación social de la formación académica” [1963], em: *Teoría e praxis. Estudios de filosofía social* [1963], p. 338.

## **o ethos universitário na filosofia de fichte: “anacronismo vivente”?**

edificante persiste, concebida como a formação de uma vontade democrática e de uma ciência autorreflexiva, de um saber do saber graças ao qual o competente, ou especialista, lança-se as implicações sociais ou políticas de sua atividade, à imagem e à semelhança das lições fichteanas sobre o *Destino do sábio*<sup>20</sup>. A substituição da Faculdade de Filosofia pela das Ciências Sociais deixa, todavia, intactos os grandes princípios do patrono berlinense: inseparabilidade entre investigação e docência, autonomia externa diante de toda ingerência, autonomia interna, isto é, institucionalização da reflexão crítica como garantia da liberdade acadêmica da Universidade, pela intercessão de uma Faculdade particular, sucessora da filosófica. Hoje, são as Ciências da Cultura que, no mundo anglo-saxão, estão devorando o terreno da Filosofia.

O *Manifesto* citado, tendo em conta que a investigação científica se converteu, hoje, em um motor de produção e que seu habitat natural já não é só o estritamente acadêmico, considera o mito humboldtiano de um “monstro fossilizado”. Cada universidade deve, de agora em diante, concentrar-se em torno a uma linha prioritária, constituir um polo de excelência e abdicar de ser uma “universidade completa”<sup>21</sup>. A universidade setorial encurralou totalmente a integral. As Humanidades serão a Cinderela nesse organograma, ainda que continuem sendo ciências *universitárias*. Sua tarefa consistirá em fazer inteligível, analítica e construtivamente, a “*forma cultural do mundo*”, e sairão de sua cômoda particularização, elevando-se à *transdisciplinarietà*.

O investigador empreendedor é, hoje, triturado pela Universidade empresarial. O humanista está sendo açoitado pelo burocrata. Gosto de me lembrar da ironia de Blumenberg, quando premiado na Universidade de Kiel, para solicitar projetos de investigação e conseguir financiamento: Apresentou um projeto à DFG que dizia o seguinte: “Solicitação de meios em uma suma – todavia indeterminada – com o fim de investigar o dorso da lua com o pensamento puro”<sup>22</sup>. À parte do tom sarcástico de suas palavras, por acaso caso sua mensagem não é muito diferente do humboldtiano, agora em vergonhosa retirada, e o saudável efeito anamnético de suas palavras é: a quintessência da formação universitária reside no estudo em liberdade e em solidão. Creio que há de se

---

<sup>20</sup> [Há uma tradução bem recente: FICHTE, J. G. *O Destino do Erudito*. Trad. Ricardo Barbosa. São Paulo: Hedra, 2014. (N. do T.)]

<sup>21</sup> J. Mittelstrass, *Die unzeitgemässe Universität*, Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1994, pp. 60 ss. Cf. “Der Bildungsbegriff in der Krise. Stellungnahmen von Jürgen Mittelstrass, Volker Steenblock und Walther Ch. Zimmerli”, em: *Information Philosophie*, 2, Mayo 2006, pp. 47-49.

<sup>22</sup> *Die Vollzählichkeit der Sterne*, Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1997, p. 548.

voltar a dar aos investigadores a possibilidade de se investigar com sossego e desdobrar sua excelência á margem de convocatórias de excelência urgentes. Deve poder investigar em solidão e em liberdade, mas não ensimesmado. A filosofia é ciência do ideal (do conhecimento, de justiça, de beleza...), capaz de iluminar a experiência individual e coletiva, assinalar uma direção e mobilizar forças latentes. Agora, parece haver renunciado a tal missão. A instituição que, durante muitos séculos, havia sido sua anfitriã, a universidade – sobretudo a alemã, outrora a vanguarda do pensamento europeu e manancial de novos sistemas filosóficos, tornou-se um deserto e, paralelamente, a filosofia foi substituída por ensaios de entretenimento, análises socorridas de tendências culturais, livros de autoajuda e receituários existenciais.

O ideal e seu mensageiro, o sábio, vão contra a corrente, sem ele estamos condenados a nos conformarmos com a ordem estabelecida. Mas a filosofia que contém ideais é transmitida com uma forma adequada. Esta aura retórica (seus textos devem convencer, seduzir) é algo que, desgraçadamente, desvaneceu-se pelo fútil mal-estar de querer se trocar por um sócia da ciência dura. A filosofia deve ser um *estilo* de pensamento<sup>23</sup>. O exemplo fichteano me soa modelar.

Os homens se descobrem lançados em um mundo de objetos que os subjuga. A formação descreve a clausura da alienação. Mediante a cultura, o homem executa sua atividade, usa coisas, impõe fins à natureza e, nesse trato com o outro constitutivo, ocorre o descobrimento dos outros Eus, do *alter ego*. Logo, na tentativa de se desvencilhar da pressão diante das coisas externas, esculpindo-as teleologicamente, o homem se encontra em sociedade com seres que obram segundo conceitos; avista um mundo interativo. Seu achado da liberdade alheia – que, como um bumerangue, desperta a consciência da própria liberdade, permite-lhe, mediante a cooperação, sobrepor-se a dominação do não-Eu e de seu irresistível poder de reificação. Mas, então, é inevitável conceber a estrutura da sociedade e a organização do trabalho. Cabe privilegiar prudentemente uma atividade específica, a do sábio se, além de demarcar as aspirações primitivas do ser humano, quer se indicar os meios para preenchê-las em uma situação histórica. Caso se queira evitar a vacuidade e o envaidecimento do discurso científico, os ideais normativos devem esposar uma racionalidade estratégica, pragmática, encarregada da regulação rentável das profissões, o que exige do sábio sua imersão social. Ver o mundo de outro modo, a amplitude de olhares,

---

<sup>23</sup> Javier Gomá Lanzón, “¿Dónde está la gran filosofía?”, em: *El País*, 16.03.2013.

## **o ethos universitário na filosofia de fichte: “anacronismo vivente”?**

é o que permite se isentar de atitudes acomodáticas e rotineiras. A retórica da exortação e da persuasão do sábio investe-o como líder político *par excellence*. Toda sociedade precisa uma elite constituída pelos cidadãos mais preparados, a “aristocracia espiritual” de Max Weber, sempre que esta ponta da pirâmide – nada relacionada com uma classe social economicamente privilegiada ou com atributos despóticos – espalha sua excelência em todo lugar.

Um defeito congênito das reformas em curso reside na premissa de que, mediante critérios de eficiência, pode-se reinventar a Universidade e implantar no investigador a vontade de uma afiliada competência, como se já não houvesse sempre existido, na ciência, uma “luta pelo reconhecimento”, uma rivalidade para encontrar o argumento mais frágil. Novamente, podemos nos ver no espelho da constelação idealista. A autonomia da Universidade inclui sempre o dever do uso público da razão também para além dos muros<sup>24</sup>. O mundo humano sempre estará exposto a ilusões e embustes. A sociedade do conhecimento engendra um novo tipo de ignorância: a especialização, o monocultivo intelectual o material, a “peritocracia”. Hoje, a Ilustração poderia se conceber como resistência a estas formas de doce tirania, ou de absolutismo democrático. Sentenciou-se a obsolescência da filosofia como saber dos saberes, porque as ciências particulares estão tão agrupadas que já não é plausível reunificá-las sistematicamente, e se esparramam numa justaposição de microcosmos sem vasos comunicadores. Por isso, ainda me fascinam as filosofias que não renunciam na os brincar com uma cosmovisão e cujo biótipo fronteiro encontra seu pomar na universidade.

Caso se aceite que, poucas vezes nosso grêmio teve tanto protagonismo na gestação da Universidade como no caso da constelação idealista, dever-se-á, então, concluir que o fracasso de tal modelo é também nosso fracasso. E que talvez tenhamos merecido, por nos termos imaginado que monopolizamos um saber salvador. Ora, na consideração da filosofia como algo olímpico, estão de acordo todos os autores, tanto os integrados na instituição universitária ou em seus arredores (Kant, Fichte, Schelling, Hegel e Humboldt), quanto os excêntricos (Schopenhauer e Nietzsche). Para Kant, “a faculdade inferior [o seja, a de filosofia] representa a pura razão”, razão pela qual não deve surpreender que, na universidade, ocupe “o lugar do monarca”. Para Fichte, a filosofia “é a alma interna de toda ciência” e é obrigada a um papel axial nos estudos.

---

<sup>24</sup> BRANDT. *Wozu noch Universitäten? Ein Essay*, Hamburg: Felix Meiner, 2011.

Hegel coincide em que “contém o fundamento da sistematização das demais ciências na universidade”. Para Humboldt, “o ‘livre filosofar’... deve constituir o centro de toda a atividade universitária”. Refulge, aqui, um veredito monocórdio sobre o empenho totalizador da filosofia.

A idolatria da filosofia persiste nos não integrados, ou seja, em Schopenhauer e em Nietzsche. Schopenhauer, que viveu de dividendos, não suporta a corja de anões mentais (os professores universitários, em particular os de obediência idealista) vendidos ao estado que lhes dá de comer. Suas invectivas se resumem em poucas frases: 1) Os professores não vivem *para* a filosofia, mas sim *dela*. 2) Sendo servidores do Estado, têm que subordinar seu pensamento e seus ensinamentos aos fins do Estado e da religião oficial. 3) Como os professores não têm vocação nem talento para praticar a filosofia, ocultam sua incapacidade em uma maneira obscura de se expressar, e formam grupos de autores que citam uns aos outros para fazer os demais crerem que são importantes<sup>25</sup>. Mas o problema não reside na presumível abjeção dos profissionais da filosofia, mas sim na inevitável tensão entre uma disciplina que pede reflexão e o meio social no qual se desenvolve, o qual promove exatamente o contrário. Tal fricção é nosso elixir vital e não há de propiciar a transfiguração da filosofia em algo próprio para redentores iluminados.

A nós, que nos dedicamos a este ofício, sempre se tenta esgotar nossa obrigação em um percurso histórico trilhado, tornando-se a filosofia uma espécie de palácio, repleto de tesouros, porém desabitado. Essa desistência autocomplacente tende a deixar à margem a questão de sua conexão com nossas inquietudes. Há, aqui, um paradoxo: a própria condição da probidade histórica é a aptidão do historiador da filosofia para neutralizar seus próprios interesses, isto é, que seja filosoficamente desinteressado, o menos comprometido possível com sua contemporaneidade. A história da filosofia ergueria, na condição da objetividade histórica, a divisão do trabalho entre o historiador e o filósofo, com consequências nefastas tanto profissionais – o historiador se separa da criação e das exigências filosóficas de seu tempo, e o filósofo se crê por cima ou à distância, em um conhecimento dos grandes sistemas, por considerar o tempo atual exterior à atividade genuína de pensador – como sociais – o descrédito das duas ocupações pelo absurdo desdobramento da antiga figura do filósofo na do intelectual

---

<sup>25</sup> Matthias Kossler, “Filosofía a las órdenes de la naturaleza e Filosofía a las órdenes del gobierno: La crítica de Schopenhauer a la Filosofía universitaria”, In: F. Oncina, (ed.), *Filosofía para la Universidad/ Filosofía contra la Universidad (De Kant a Nietzsche)*, Madrid: Editorial Dykinson, 2009, p. 302.

## **o ethos universitário na filosofia de fichte: “anacronismo vivente”?**

(forçosamente midiático) e na do universitário (necessariamente retirado de toda presença pública), ou seja, em dois personagens esquecidos de sua ascendência comum. O discurso público perde toda relação autêntica com o saber e o discurso sábio, toda existência pública e toda abertura às demandas de sua era. Fichte combateu denodadamente essas distorções e, portanto, é um aliado na ativa erosão dessa moda e, inclusive, nesse prurido anti-intelectual, ao que a universidade tem se ajustado *volens volens*<sup>26</sup>.

Entretanto, não nos enganemos: a universidade humboldtiana e a nossa são irmãs marcianas, e não gêmeas. A nossa se rebaixa a uma mera escolarização sem que tal degradação se veja compensada por seu complemento mais valioso: uma investigação e uma docência de qualidade, isto é, imaginativa e rigorosa<sup>27</sup>. A universidade aceita crescentemente que não tem que produzir, primordialmente, conhecimento, mas sim dinheiro. Nesse “capitalismo acadêmico”<sup>28</sup>, fomenta-se e se financia o que reporta dividendos às empresas – inclusive ela mesma.

Na Alemanha, a beligerância contra os estudos universitários provinha da filosofia popular, para a qual resultavam muito alheios à prática profissional e não contribuía para adestrar os cidadãos para a vida social. Não por azar, o primeiro de quem se pediu opinião para um “instituto de educação superior” em Berlim foi Johann Jakob Engel, editor da revista *Der Philosoph für die Welt*<sup>29</sup>, cujos argumentos Friedrich Nicolai utilizou em Berlim em 1806 (e depois foi a vez de Schopenhauer)<sup>30</sup>. No verão desse ano, Fichte redigiu *Ideias para a organização interna da Universidade de Erlangen*. Mas já antes, em uma carta de 1º de junho de 1805, declarava: “elaborei grandes e incisivos projetos para a instituição de uma verdadeira universidade nacional alemã; difundi-los-ei pouco a

---

<sup>26</sup> [“Querendo ou não” (N. do T.)]

<sup>27</sup> HERNÁNDEZ, DELGADO-GAL, PERICAY. (Eds.). *La universidad cercada. Testimonios de un naufragio*, Barcelona, Anagrama, 2013.

<sup>28</sup> MÜNCH. *Akademischer Kapitalismus. Über die politische Ökonomie der Hochschulreform*, Berlin: Suhrkamp, 2011.

<sup>29</sup> Cf. ENGEL. *Denkschrift über Begründung einer großen Lehranstalt in Berlin* (13.3.1802), In: Ernst MÜLLER, E. (Org.), *Gelegentliche Gedanken über Universitäten*, Leipzig, Reclam, 1990, pp. 6-17.

<sup>30</sup> NICOLAI, F. “Betrachtungen über die Frage: wie der mündliche Vortrag der Philosophie auf Universitäten eingerichtet werden sollte, um gemeinnütziger zu werden”. In: *Philosophische Abhandlungen. Größtentheils vorgelesen in der Königl. Akademie der Wissenschaften zu Berlin*, Berlin und Stettin 1808, pp. 125-208: 161 ss. Trata-se de duas conferências pronunciadas na Academia de Berlim em março de 1806. Nicolai já emprega, também, o termo *Universitätsphilosoph* [filósofo de universidade, N. do T.] com um tom derogatório.

pouco nos lugares apropriados”.<sup>31</sup> Assim, pois, quando, em 1807 foi instado a apresentar uma proposta sobre a futura universidade, pode responder com o *Plano dedutivo de uma instituição de ensino superior*, onde destacava o princípio “não ensinar oralmente o que está escrito nos livros”, de não repetir mecanicamente o aprendido, e isso vale tanto para o aluno quanto para o professor, descobrindo-se um ao outro pela didática dos *examina*, dos *conversatoria* e pela apresentação de problemas. Fichte catalisa uma renovação pedagógica. Na universidade, a ciência não pode ser uma tautologia da realidade, mas deve transcendê-la; todavia, não porque aspire a um mundo transcendente e que, portanto, queira evadir-se da realidade, como uma espécie de escapismo em uma torre de marfim, mas sim porque o sábio quer reinventá-la, recriá-la, transformá-la, evitando todo traço de conformismo, isto é, de adaptação da ideia à realidade. Insiste na preparação adequada nos escalões inferiores do ensino e impulsiona o conhecimento do idioma. Sabe-se o que se sabe dizer. Fichte naufragou como preceptor particular (*Hauslehrer* ou *Hofmeister*), mas obteve grande sucesso como catedrático. Uma sala de aula é um exercício de oratória que exige modular o ritmo, controlar os tempos, saber quando e como introduzir a tese que se quer transmitir, recorrendo a truques de encenação, mas sem suplantar a mensagem com o meio. Fichte dominava a magia. Agora, o labor do professor se encolheu diante do incontestável encantamento das TIC (tecnologias de informação e de comunicação).

Os padrões de reconhecimento universitário mudaram radicalmente hoje, ao contar só com a produtividade nua e crua, que supõe uma excessiva e incessante pressão para publicar e conseguir bolsas. Apenas nos escandalizam as notícias sobre falsificações plágios que tanto danaram a reputação da ciência. É-se invadido do sentimento paradoxal de publicar cada vez mais e, ao mesmo tempo, ser cada vez mais irrelevante. A investigação precisa de repouso para colher frutos e de tempos mortos para a reflexão crítica: não fazer ostentação de trinta artigos em uma presunçosa lista de publicações, mas sim mostrar uma única publicação que ainda seja lida dentro de trinta anos. Fichte se deu voltas, durante toda sua vida, a uma única tarefa: a *Doutrina da Ciência*. Um clássico; tanto criá-lo quanto assimilá-lo é uma obra de longo alcance, um lento processo. O imperativo categórico do criador e do exegeta não é o imperativo velocífero<sup>32</sup>. Sem

---

<sup>31</sup> GA III/5, 309.

<sup>32</sup> [Expressão que remete ao termo “*veloziferisch*” de Goethe, um neologismo que brinca com “veloz” e “luciferino” (N. do T.)]

## **o ethos universitário na filosofia de fichte: “anacronismo vivente”?**

dúvida, brilha mais o êxito instantâneo, mas justamente por isso não dura e é ultrapassado instantaneamente. A inovação é glamourosa, mas sua glória se extingue em um átimo e cai em esquecimento. Outra vez, Goethe acode a nos iluminar: o ritmo frenético que se ha apoderou de nossa atividade gera falta de solidariedade e mediocridade<sup>33</sup>.

As meditações fichteanas sobre a universidade são *filosofia aplicada*<sup>34</sup>, entendida como a realização dos conteúdos e dos valores aos quais o pensamento dá acesso. Isso pode suceder na própria existência, tentando-se levar uma “vida moral”, ou “na imagem”, ou seja, na epiderme da teoria. Depois dos anos tempestuosos de Iena, Fichte perguntou explicitamente pelas condições para a recepção da Doutrina da Ciência<sup>35</sup>. A pedagogia vigente estava lastrada (ou corrompida) pela “forma lógica do pensar”, de modo que “a educação estava dirigida, em geral general, só em relação às propriedades estáveis das coisas..., sem poder dar uma razão delas”. Daqui se segue “um aprender apenas passivo [...] mediante o qual, em general, no se poderia tampouco chegar ao pressentimento do espírito como principio independente”<sup>36</sup>. Fichte contrapõe a “compreensão e visão da cosa a partir de um único ponto de vista” com a mera “multiplicidade desconexa e singularidade do todo incoerente”<sup>37</sup>. A filosofia abraça o âmbito inteiro do saber, “*toda matéria da ciência e da vida*”<sup>38</sup>. Seu primado transtorna a hierarquia institucional tradicional, que subordinava a faculdade filosófica às de teologia, jurisprudência e medicina.

A arte da reflexão, ou do uso científico do intelecto, meta do universitário, se exercita na maiêutica socrática, em uma busca sem termo que não foge aos obstáculos, porque o

---

<sup>33</sup> “Como máxima desgraçada da nossa época, desse tempo que não permite que nada amadureça, é preciso considerar que cada instante destrói-se no sucessivo, que desperdiçamos o dia antes que acabe, e que, assim, vivemos o nosso cotidiano, sem levar a cabo nada” (tradução nossa, N. do T.). Carta a Nicolovius de novembro de 1825, In: *Goethes Briefe*, IV, Hamburg, 1967, p. 159. Cf. Manfred Osten, *Alles veloziferisch oder Goethes Entdeckung der Langsamkeit. Zur Modernität eines Klassikers im 21. Jahrhundert*, Frankfurt am Main: Suhrkamp, 2003.

<sup>34</sup> LAUTH, R. “J. G. Fichtes Gesamtidee der Philosophie”. In: *Zur Idee der Transzendentalphilosophie*, München-Salzburg: Pustet, 1965, pp. 73-123; Peter L. Oesterreich – Hartmut Traub, *Der ganze Fichte. Die populäre, wissenschaftliche und metaphilosophische Erschließung der Welt*. Stuttgart: Kohlhammer, 2006.

<sup>35</sup> GA III/5,239, 241.

<sup>36</sup> *Reden an die deutsche Nation*, GA I/10, 123; *Der Patriotismus und sein Gegenteil*, GA II/9, 433, *Deducirter Plan*, § 16, GA II/11,102. Remetemos à magnífica abordagem de Stefano Bacin, “Filosofia aplicada: La idea de Fichte para una nova Universidad”, In: F. Oncina (ed.), *Filosofia para la Universidad/ Filosofía contra la Universidad*, pp. 199-232.

<sup>37</sup> *Deducirter Plan*, § 21, GA II/11, 106, § 18, II/11, 104; § 16, II/11, 103. Cf. também *Die Grundzüge des gegenwärtigen Zeitalters*, GA I/8, 277.

<sup>38</sup> *Deducirter Plan*, § 44, GA II/11,136; § 15, GA II/11,102.

esforço por salvá-los é a ambrosia da liberdade<sup>39</sup>. Esta mesma ária é entoada por outros tenores da mesma constelação. Humboldt falou de um ato individual autônomo.<sup>40</sup> Schelling observou que a “exposição acadêmica” deve ser “genética”, ou seja, tal que “o docente não só proponha resultados, [...], mas que exponha também [...] o modo de logrã-los”<sup>41</sup>. Schleiermacher aconselhou que “o professor deve fazer com que nasça tudo aquilo que diz diante de seus ouvintes”<sup>42</sup>.

A educação sábia – universitária – era uma propedêutica para a nacional<sup>43</sup>. Fichte queria “ensinar a ensinar”<sup>44</sup> e formar “um viveiro de professores”<sup>45</sup>, coluna vertebral da nação. No abundou na relação entre as instituições educativas e o Estado, ao passo que isso era capital para Schleiermacher e Humboldt. O *Plano dedutivo* se detinha em precisar em que termos os custos de manutenção da educação deveriam ser assumidos pelo Estado (§§ 30-32 do *Plano dedutivo*), mas não definia os limites dentro dos quais o Estado deveria consentir a liberdade de cátedra<sup>46</sup>. Já na *Doutrina dos Costumes* de 1798, ele havia observado que, nas universidades, “deve-se poder expor tudo aquilo de que se esteja persuadido”<sup>47</sup>. No discurso como reitor de 1811, a “liberdade acadêmica” emerge como um requisito para a realização do “fim último e supremo da universidade”. Por conseguinte, “se um Estado funda uma nova universidade, não lhe corresponde, de modo algum, definir seus direitos”, que ela ostenta “por direito divino e natural”<sup>48</sup>. O Estado “é somente o meio para o fim superior da formação [...] do puramente humano nesta nação”<sup>49</sup>.

<sup>39</sup> *Plan zu einem periodischen schriftstellerischen Werke einer deutschen Universität*, GA II/9, 353. Alinhava-se com Pestalozzi (GA I/10, 217 ss.; § 7, II/11, 88; § 13, 99-100; II/9, 436 ss.; II/10, 431-457).

<sup>40</sup> HUMBOLDT, W. von. “Der litauische Schulplan”. In: *Werke in fünf Bänden*, p. 191.

<sup>41</sup> *Vorlesungen über die Methode des akademischen Studiums*, In: *Sämmtliche Werke*, ed. K. F. A. Schelling, Stuttgart–Augsburgo, Cotta, 1856 ss., V, 234.

<sup>42</sup> F. D. E. Schleiermacher, *Gelegentliche Gedanken über Universitäten im deutschen Sinn*, In: \_\_\_\_\_, *Kritische Gesamtausgabe*, Bd. I.6, ed. Dirk Schmid, Berlim-Nova Iorque: De Gruyter, 1998, pp. 48-49.

<sup>43</sup> Em cinco de setembro de 1807, Fichte recebeu a tarefa de preparar uma proposta para o “instituto de educação superior” que se pretendia fundar em Berlim (GA III/6, 173). Redigiu, dentro do prazo de poucas semanas, entre setembro e outubro de 1807, o *Plano Dedutivo*. Imediatamente depois, concentrou-se nos *Discursos à nação alemã*.

<sup>44</sup> *Deducirter Plan*, § 67, GA II/11, 170. Cf. Erich Fuchs, *Fichte a Berlino, 1800-1814. Un filosofo che pensa e agisce*, “Rivista di storia della filosofia” 57 (2002), p. 440.

<sup>45</sup> GA I/10, 251; GA II/9, 444; I/8, 65.

<sup>46</sup> HUMBOLDT. “Über die innere und äußere Organisation der höheren wissenschaftlichen Anstalten in Berlin”. In: *Werke*, IV, 256 ss.; e a seção I de Schleiermacher, *Gelegentliche Gedanken über Universitäten*, 21-30.

<sup>47</sup> GA I/5, 224-226.

<sup>48</sup> *Ueber die einzig mögliche Störung der akademischen Freiheit*, GA I/10, pp. 360, 363.

<sup>49</sup> GA I/10, 209; cf. GA I/10, 188-189, 358; III/5, 240, 242).

**o ethos universitário na filosofia de fichte:  
“anacronismo vivente”?**

O plano de um “instituto de educação superior” constitui uma tentativa de intervenção política. N’*O Estado comercial fechado*, outro escrito dirigido a um ministro prussiano, havia subtraído o hiato entre o Estado racional e o Estado real para aquilatar “quanto do que é justo é realizável nas condições dadas”. A política “estaria, então, a meio caminho entre o Estado dado e o Estado racional: descreveria a linha contínua ao largo do qual o primeiro se transforma no segundo”.<sup>50</sup> O “político especulativo” admite a irrealizabilidade imediata, mas não absoluta, de suas disposições<sup>51</sup>. O mesmo vale para o *Plano dedutivo*. Sua proposta se mantém em uma série de situações efetivas nas quais aparecem implantadas algumas de suas diretrizes (remete à sua experiência positiva em Jena)<sup>52</sup>. Mas não bastavam tais verificações empíricas no âmbito dos fatos. A ancoragem realista de sua intervenção política consistia em sondar onde estava adubado o terreno para fazer germinar o destino da humanidade à luz da teoria e em arbitrar (o apelo à vontade é inevitável) as medidas com as restrições impostas por tais circunstâncias, para lograr sua frutificação. Mediante uma nova “educação sábia” a partir da universidade de então (segunda seção do *Plano dedutivo*), espera desenvolver a educação nacional. Possui a forma “mista” do saber – típica da filosofia aplicada e, paradigmaticamente, da política –, que aclimata os conhecimentos apriorísticos aos históricos, para interceder entre a especulação e a vida. A ideia de universidade se põe em marcha em um processo, impulsionado pela decisão dos sujeitos concernidos, que arranca do presente e sua implantação se gradua em vários níveis, dos quais um constitui a condição da factibilidade do outro.

A Universidade de Berlim seguiu uns seguiu rotas distintas daquelas do *Plano dedutivo*. A eventualidade de um fracasso já havia sido conscientemente sopesada por Fichte na apelação à vontade dos homens, ao correr o risco de ser indeferido<sup>53</sup>. Mas a tarefa da universidade, e *a fortiori* das Humanidades, consiste em cultivar o pensamento

---

<sup>50</sup> GA I/7, 51; uma definição semelhante aparece em *Ascetik als Anhang zur Moral* (GA II/5, 60).

<sup>51</sup> GA I/7, 41-42.

<sup>52</sup> *Deducirter Plan*, § 57, GA II/11,152 s. (“Jena, no último decênio do século passado, um modelo de boa universidade”, *Wissenschaftslehre 1807*, GA II/10,126. Cfr. GA II/9, 44, 366).

<sup>53</sup> “C. E você espera persuadir quem está nas altas esferas da nação de que deveriam compreender precisamente a ideia de uma educação de sua nação ou, inclusive, de que deveriam tomar a decisão de investir o quanto seja necessário para tal educação? / B. Como se havia declarado anteriormente, não tenho sucesso em explicar nem sequer para mim mesmo o que se pode esperar e o que não se pode esperar; de todo os lugares obscuros que não podem permanecer em meu saber, pelo menos esse é o único que tolero de bom grado e que prefiro que não seja esclarecido” (GA II/9,444-445).

arriscado, em irradiar alternativas ao presente, em desafio às resistências<sup>54</sup>. O devaneio mais ousado nem sempre é o mais inaudito e extravagante, mas sim o que se atreve a desafiar o mais óbvio e tópico. O êxito apoteótico de seus cursos tem difícil comparação em sua época e em nossos dias. Atraía a juventude daquele tempo como um imã. Seu magistério passa a se converter em forja e laboratório das próprias cosmovisões, um dos emblemas humboldtianos, o da unidade entre docência e investigação. Uma cota importante no estrelato de Fichte se apoia na fama que o precedia e em sua têmpera provocadora, mas seu triunfo clamoroso se deve a sua oferta letiva. Seu discurso fascinava cada vez que obrigava a uma extrema concentração. Os antolhos caíam dos olhos, derretiam-se verdades inculcadas ou assumidas com ligeireza. O filósofo não pensa coisas distintas das do comum dos mortais, mas o faz de outra maneira, afanando-se em ir rumo aos confins do concebível<sup>55</sup>. Que a filosofia seja capaz de se perguntar radicalmente, inclusive pelo seu próprio ser, é uma mostra de que a essência última de sua atividade é por tudo – absolutamente tudo – em questão.

O docente necessita do discente para evitar a parcialidade e o pedantismo – dois males que Fichte diagnosticou – e, sobretudo, para impedir o relaxamento intelectual. A permanente disposição a revisar o conquistado, isto é, o aguilhão da dúvida, é seu distintivo. Quem se compromete com o saber está obrigado a prestar contas, a fundamentar suas afirmações. A ciência não é algo que se recebe, aplica e transmite, não é algo meramente acumulável, mas deve se crer, por à prova e por isso, baseia-se em uma faculdade participativa dependente existencialmente da possibilidade de submeter os próprios juízos ao juízo dos outros.

Na meditação e na *práxis* universitária desse autor, encontramos um detector dos temas candentes que ainda hoje nos incitam: desde questão do governo às relações entre aluno e professor – com caráter irrenunciavelmente híbrido de docente e de investigador –, desde a “economização” da formação (a subordinação *versus* coordenação universidade/empresa e universidade/sociedade) até a regulamentação – opressiva em seu

<sup>54</sup> GUMBRECHT. “La tarea actual de las Humanidades”, In: *Lento presente*, pp.127-130.

<sup>55</sup> CRUZ, M. “Hay quien piensa e no le pagan. Cuando todos abandonan es cuando el filósofo empieza a trabajar”, [“Há quem pensa e não recebe por isso. Quando todos desistem é quando o filósofo começa a trabalhar” (Tradução nossa, N. do T.)] In: *El País*, 18.05.2013; “Le importaría preguntarme otra cosa? Filósofo es alguien a quien siempre le preguntan ‘¿para qué sirve la filosofía?’” [“Importaria perguntarme outra coisa? Filósofo é alguém a quem sempre se pergunta ‘pra que serve a filosofia?’” (Tradução nossa, N. do T.)]. In: *El País*, 19.03.2013.

## **o ethos universitário na filosofia de fichte: “anacronismo vivente”?**

*Plano dedutivo* – da vida estudantil. É um minucioso sismógrafo de todos os estratos que conformam a esfera acadêmica. De Fichte e contra Fichte, podemos ao menos nos instruir sobre como fazer estourar a bolha<sup>56</sup> dos novos gurus da formação, da ideologia da universidade excelente: desprezo do conhecimento puro e desinteressado e sua seqüela anti-intelectualista, o maneirismo e a sofisticação gratuita das ideias, a grafomania e o provincianismo, a sedução pelo marketing e pelo jargão empresarial e a claudicação diante da burocracia. Frente à pandemia da pressa, a reflexão exerce papel de um *airbag* que serve de contrapeso às artimanhas turbofetichistas. Mas o enfatuamento acadêmico gera um mal-estar que pode terminar expulsando o pensamento e a crítica da universidade. Não sei se acabará sendo um desterro ou um exílio. Oxalá essa cidade seja um oráculo a partir do qual, como reza seu nome, vislumbrar um melhor horizonte, um Belo Horizonte.

### **Bibliografia**

- BRANDT, R. *Wozu noch Universitäten? Ein Essay*. Hamburg: Felix Meiner, 2011.
- CRUZ, M. “Hay quien piensa e no le pagan. Cuando todos abandonan es cuando el filósofo empieza a trabajar”. In: *El País*, 18.05.2013.
- \_\_\_\_\_. “Le importaría preguntarme otra cosa? Filósofo es alguien a quien siempre le preguntan ‘¿para qué sirve la filosofía?’ ” In: *El País*, 19.03.2013.
- ENGEL, J. J. “Denkschrift über Begründung einer großen Lehranstalt in Berlin (13.3.1802)”. In: MÜLLER, E. (Org.). *Gelegentliche Gedanken über Universitäten*. Leipzig: Reclam, 1990.
- FICHTE, J. G. *O Destino do Erudito*. Trad. Ricardo Barbosa. São Paulo: Hedra, 2014.
- \_\_\_\_\_. *Plano dedutivo de un establecimiento de enseñanza superior*. In: *GA*. Tradução Brasileira: *Por uma universidade orgânica: plano dedutivo de uma instituição de ensino superior a ser edificada em Berlim, que esteja estreitamente associada a uma Academia de Ciências*. Trad. Johannes Kretschmer. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1999.

---

<sup>56</sup> VALDECANTOS, A. “La burbuja universitaria”. In: *El País*, 16.02.2013.

- (“Fichte, Schleiermacher and W. von Humboldt on the Foundation of the University of Berlin”, In: Daniel Breazeale and Tom Rockmore (Org). *Fichte, German Idealism, and Early Romanticism*. Amsterdam-New York: Rodopi, 2010.
- GADAMER, Hans-Georg. *Ich bin ein lebender Anachronismus*”. In: *Focus*, 37 (1999).
- \_\_\_\_\_. KOSELLECK, Reinhart. *Historia e hermenéutica*, Barcelona: Paidós, 2007.
- \_\_\_\_\_. *Verdade e método: traços fundamentais de uma hermenéutica filosófica*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.
- FUCHS, E. “Fichte a Berlino, 1800-1814. Un filosofo che pensa e agisce”. In: *Rivista di storia della filosofia* 57 (2002).
- GUMBRECHT, H. “La tarea actual de las Humanidades”. In: *Lento presente*. Madrid, Escolar e Mayo, 2010.
- HABERMAS, J. “La transformación social de la formación académica”. In: *Teoría e praxis. Estudios de filosofía social*. Madrid: Tecnos, 1987.
- HERNÁNDEZ, J.; DELGADO-GAL, Á.; PERICAY, X. (Org.). *La universidad cercada. Testimonios de un naufragio*. Barcelona: Anagrama, 2013.
- HUMBOLDT, W. von. “Der litauische Schulplan”. In: *Werke in fünf Bänden*. A. Flitner e K. Giel (Org), IV: *Schriften zur Politik und zum Bildungswesen*. Stuttgart: Cotta, 1964.
- KOSELLECK, R. “Historia(s) e Histórica. Reinhart Koselleck en conversación con Carsten Dutt”. In: *Isegoría. Revista de Filosofía Moral e Política*. Madrid, 2003, n. 29.
- KOSSLER, M. “Filosofía a las órdenes de la naturaleza e Filosofía a las órdenes del gobierno: La crítica de Schopenhauer a la Filosofía universitaria”, In: ONCINA, F (Org.), *Filosofía para la Universidad/ Filosofía contra la Universidad (De Kant a Nietzsche)*. Madrid: Editorial Dykinson, 2009.
- LANZÓN, J. G. “¿Dónde está la gran filosofía?”. In: *El País*, 16.03.2013.
- MARQUARD, O. *Filosofía de la compensación*. Barcelona: Paidós, 2001.
- MÜNCH, R. *Akademischer Kapitalismus. Über die politische Ökonomie der Hochschulreform*, Berlin: Suhrkamp, 2011.
- NICOLAI, F. “Betrachtungen über die Frage: wie der mündliche Vortrag der Philosophie auf Universitäten eingerichtet werden sollte, um gemeinnütziger zu werden”. In: *Philosophische Abhandlungen. Größtentheils vorgelesen in der Königl. Akademie der Wissenschaften zu Berlin*, Berlin und Stettin 1808.

**o ethos universitário na filosofia de fichte:  
“anacronismo vivente”?**

ONCINA, F. (Org.), *Filosofía para la Universidad/ Filosofía contra la Universidad (De Kant a Nietzsche)*, Madrid: Editorial Dykinson, 2009.

ORDINE, N. *La utilidad de lo inútil*. Barcelona: Acantilado, 2013.

RITTER, J. *Subjetividad. Seis ensayos*, Barcelona: Alfa, 1986.

SCHELLING, F. W. J. *Filosofia da Arte*. Trad. M. Suzuki. São Paulo: Edusp, 2001.

\_\_\_\_\_. *Lecciones sobre el método de los estudios académicos*. Madrid: Editora Nacional, 1984.

SCHLEIERMACHER, F. D. E. *Gelegentliche Gedanken über Universitäten im deutschen Sinn*, In: *Kritische Gesamtausgabe*, Bd. I.6, ed. Dirk Schmid, Berlim-Nova Iorque: De Gruyter, 1998.

SPAEMANN, R. “Über Gott und die Welt. Eine Autobiographie”. In: *Gesprächen*. Stuttgart: Klett-Cotta 2012.

VALDECANTOS, A. “La burbuja universitaria”. In: *El País*, 16.02.2013.